

SOBRE A TRIÁDE AUTOR – TEXTO – LEITOR

Marizete Lucini¹

Resumo: Este trabalho constitui-se num diálogo com alguns autores sobre a tríade autor – texto – leitor, mostrando diferentes abordagens relativas à temática. Com efeito, as atribuições a cada um dos elementos da tríade, diferenciam-se significativamente de acordo com o olhar que lhes é lançado. Assim, opta-se em incluir um elemento a mais na análise, precisamente a interpretação. É a partir desta que construímos ao longo do texto, a possibilidade da leitura como experiência, viabilizada pelo encontro do texto com o leitor. Esse encontro, analisado a luz do processo mimético discutido por Paul Ricoeur, permite-nos experienciar a leitura transformando-nos em outros, diferentes daquilo que éramos ao iniciá-la.

Palavras-chave: texto, autor, leitor, interpretação.

Abstract: This is a dialogue with some authors about the triad Author - Text - Reader, presenting the different approaches about the topic. As such, attributions to each element of the triad differ significantly according to how we look at it. That's how a new element is included in the analysis: the interpretation itself. With this latter we build up through the text the possibility of promoting reading as an experience by means of an encounter between the reader and the writing. This encounter, analyzed using the process discussed by Paul Ricoeur, lets us experience the reading while transforming us along the way.

Key words: text, author, reader, interpretation.

1. Reflexões iniciais

A relação entre a tríade autor - texto - leitor² é objeto de muitas discussões no campo da Lingüística, bem como da Filosofia. Neste trabalho pretendo abordar algumas reflexões discutidas no Seminário Representações, Discursos e Textos³, sobre o assunto referido, no intuito de ampliar esse campo de discussão, mostrando diferentes abordagens

¹ Mestre em Educação- Docente na Universidade Estadual do Oeste do Paraná- UNIOESTE- Campus de Francisco Beltrão. Rua Maringá, nº 1200, Bairro Vila Nova- Francisco Beltrão- Paraná- CEP: 85 605-010.

² O termo "tríade autor-texto-leitor" pode ser encontrado em POSSENTI, Sirio. A leitura errada existe. In: Leitura: teoria e prática, Campinas, ano 9, n. 15, p.12-16, junho de 1990.

³ O Seminário Representações, Discursos e Textos aconteceu na UFRGS, sob a coordenação do prof. Dr. José Alfredo Veiga Neto e da profª Drª. Rosa Maria Hessel Silveira, em 2000, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, no qual participei como aluna do Programa de Educação Continuada – PEC.

em relação ao tema. Contudo, convém ressaltar que não é minha pretensão aprofundar este estudo, mas realizar algumas aproximações a partir de leituras realizadas.

A opção em escrever sobre esse tema, e não outro, origina-se de um “equivoco” de leitura. Esse ocorreu quando eu percorria os títulos dos textos lidos e discutidos durante o seminário, dentre os quais um deles chamava minha atenção: A leitura errada existe? Resolvi reler o texto, e, depois de tê-lo relido, percebi que algo não estava bem, ou melhor, não combinava. É claro que demorei algum tempo para perceber que a leitura do título do texto não estava “correta”, pois acrescentei um ponto de interrogação que inexistia para o autor do texto.

Dessa forma, apresentou-se uma dupla reflexão sobre o próprio texto, afinal observei que a leitura errada existe, mas que a mesma foi uma decorrência do “olhar” que lancei sobre o título lido, ou seja, minha leitura deu-se em forma de uma interpretação, realizada a partir do sentido que atribuí ao texto.

O sentido atribuído pode ser pensado como resultado daquilo que acredito, que sou, que penso, que conheço. A idéia que permeava minha leitura naquele momento, era a de que enquanto leitores significamos os textos que lemos, refigurando-os na/pela interpretação que realizamos. Assim, o ponto de interrogação acrescentado, pode significar uma dúvida em relação à existência da “leitura errada”.

Diante dessa interrogação, optei por apresentar a problemática a partir de Sirio Possenti que, ao analisar a tríade autor – texto – leitor, resalta a necessidade de considerarmos os três elementos com igual relevância, advertindo-nos sobre os “erros” suscitados pela ênfase em um ou outro elemento. Dentre esses possíveis equivocos, chama a atenção para a desconsideração da existência da leitura errada.

Acreditando que a “leitura errada” não é algo que esteja ligado a literalidade da palavra e/ou frase, mas à interpretação que o leitor lhe atribui⁴, as reflexões aqui desenvolvidas encontram em Wolfgang Iser um espaço para ampliar esse campo de discussão.

Diferentemente de Possenti, Iser centra sua discussão na interpretação, retomando a trajetória da mesma na história da literatura, apontando a dinâmica que a constrói, desde a criação de teorias literárias preocupadas em “investigar o que o autor quis dizer”, até a defesa de

⁴ A leitura e a interpretação são aqui entendidas como processos simultâneos, em que o leitor ao ler interpreta a partir de sua prefiguração de mundo, ou seja, lê a partir do que já sabe.

uma teoria do efeito estético. Esta, centra a discussão na recepção do leitor que, utilizando sua capacidade imaginativa, anima o texto e lhe dá vida ao encontrar a perspectiva exibida.

Na mesma direção que Iser, Humberto Eco aponta para a relação do texto com o leitor, sendo que o autor ao criar sua obra, imagina um tipo de leitor e é para ele que escreve. Contudo, abre a possibilidade do leitor ser construído no/pelo texto ao anunciar o fato de existirem dois tipos de textos, os fechados e os abertos.

Em relação ao texto fechado, estaria ligado à construção de um leitor-modelo pelo autor, e, num texto aberto, estaria possibilitada a “livre interpretação” do leitor a partir do texto, naquilo que ele permite criar.

Em seguida, abordo as noções de mundo do texto e mundo do leitor, desenvolvidas por Ricoeur que especifica mais o que comporta cada perspectiva envolvida na tríade autor – texto – leitor. Neste sentido, privilegio o encontro do texto com o leitor, tratando cada elemento especificamente, sem contudo percebê-los separados.

Para Ricoeur os três elementos são analisados à luz do movimento mimético, que considera a prefiguração de mundo do leitor, a configuração poética (o texto), e a refiguração de mundo possibilitada pelo encontro entre texto e leitor. Contudo, em cada um dos três momentos do processo mimético estão envolvidos os três elementos da tríade autor – texto – leitor, numa relação produtora de sentido para quem escreve/lê. Ricoeur enfatiza nessa relação o resultado do encontro, a refiguração possibilitada.

Para concluir, mantendo essa questão em aberto, utilizo Jorge Larrosa que aponta para a relevância da leitura, em que estão envolvidos autor – texto – leitor, como a possibilidade de se olhar para essa problemática de outro lugar. A leitura é entendida por Larrosa como uma experiência e, como tal, produtora de metamorfoses que permitem aos leitores outras formas de habitar o mundo, diferentes formas de olhá-lo, de se fazer e refazer a partir da experiência da leitura.

Proponho que conheçamos o pensamento de alguns autores sobre as questões que permeiam as reflexões que realizei, não com o intuito de concluir a questão e/ou responder, mas de continuar a discussão iniciada e apontar possíveis relações entre os elementos autor – texto – leitor, que podem suscitar, futuramente, uma pesquisa mais aprofundada.

2. A leitura errada existe?

Sirio Possenti em *A leitura errada existe*, anuncia que o leitor está na moda, como um elemento intocável da tríade autor - texto - leitor. A afirmação inicial, com um leve tom de ironia, abre uma discussão sobre o tema, questionando algumas posições defendidas por alguns pesquisadores no campo da lingüística moderna e também da filosofia.

Para Possenti, o surgimento da lingüística moderna suscitou discussões importantes, contudo aponta também alguns equívocos. Situa “a época do surgimento de teorias do discurso” como o tempo em que é imaginada a possibilidade de transferir ao texto um “modo de funcionamento” (Possenti, 1990, p. 13).

Segundo o autor, diante da descoberta da impossibilidade do texto resolver por si só a questão do sentido, duas alterações tornam-se significativas: o deslocamento do centro da questão para o leitor e o abandono da exigência de sentido correto na leitura (Possenti, 1990, p. 13).

Assim, o deslocamento contínuo do “centro das atenções” constituiu-se no próprio equívoco, pois em determinada época concluiu-se que “o autor não tem condições de controlar” totalmente “a interpretação do texto que produz, então ele é um fator a ser desconsiderado” totalmente. No mesmo movimento, centra-se a questão no texto, e quando se percebe que este não é totalmente transparente, abandona-se o mesmo e opta-se em debitar no leitor a função de “árbitro”, para que ele “faça com o texto o que puder” (Possenti, 1990, p. 13).

Nesse sentido, a crítica de Possenti aponta para a necessidade de observarmos duas questões básicas. A primeira diz que “uma teoria da leitura não pode restringir-se ao leitor; e que uma teoria da leitura que envolva mais de um ingrediente, por exemplo, o leitor e o texto, ou o leitor, o texto e o autor, deverá, como condição mínima, encarar todos os ingredientes a partir do mesmo ponto de vista” (Possenti, 1990, p. 14).

Com efeito, ao centrar a discussão de relevância de um ou outro ingrediente, muitos equívocos podem ocorrer, contudo, para Possenti, a centralização atribuída ao leitor desconsidera a possibilidade da “leitura errada”, pois qualquer interpretação do leitor teria que ser aceita. Para contrapor essa posição, utiliza-se do exemplo da placa de trânsito, cujo texto diz: PARE FORA DA PISTA. Para o autor, “O exemplo serve para deixar claro que para defender a importância do texto não é necessário crer que tudo esteja nele e que ler seja tirar algo de dentro do texto, como

se ele fosse um balde de sentido”(Possenti, 1990, p. 15).

A afirmação de Possenti nos sugere, então, que a leitura literal é possível, mas convém que ressaltemos que o texto da placa de trânsito, citado como exemplo, dirige-se a um tipo de leitor específico, o motorista, logo a “interpretação” e/ou “atribuição de sentido” ao texto pelo leitor, decorre da experiência vivida pelo condutor do veículo. Isso significa que a leitura realizada parte de um campo de domínio de conhecimentos, as leis do trânsito, pertinentes a um grupo que transita, com relativa tranquilidade nesta área, compreendendo os significados das convenções adotadas pelo código nacional de trânsito.

Isso não significa que o referido código não possa ser conhecido por quem não é motorista, mas que a compreensão dos sinais e textos usados para sinalizar o trânsito, constituem-se de especificidades compreendidas por um grupo específico de leitores.

O próprio Possenti aponta para a possível crítica ao exemplo citado, no sentido de que o dito sobre a possibilidade de leitura literal, valeria apenas para placas de trânsito, mas argumenta dizendo que os textos são de “natureza variada e que nem todos apelam para esquemas tão simples e evidentes”. Com isso, deseja reafirmar que uma teoria da leitura deve valer para qualquer leitura e que a relevância dos ingredientes que compõem uma teoria não encontra solução coerente ao sobrepor-se, mas gera outra problemática, da mesma ordem (Possenti, 1990, p. 16).

Convém salientar, ainda, que atribuir significado ao que lemos é diferente de extrair sentido de um texto, como se os mesmos estivessem escondidos nele. Assim, a atribuição de sentidos pelo leitor, pode ser compreendida como as interpretações possíveis a partir do texto, ou seja, a decorrência do encontro entre o texto e o leitor, que sempre é carregada de significados culturais.

Esse aspecto, relativo ao encontro do texto e do leitor, onde também está implicada a presença do autor, será retomado adiante, contudo parece-me que a questão inicial, existe a leitura correta?, permanece. O texto *A leitura errada* existe, serviu-nos para abrir um pouco mais esse campo de discussão, acrescentando-se alguns elementos que não estavam presentes, mas que se fazem necessários para uma reflexão complexa como essa.

A complexidade referida está em considerar alguns elementos já apontados acima, como é o caso da interpretação pelo leitor, da implicação do autor no texto e do encontro entre texto e leitor.

No intuito de referenciar essa discussão também em outros autores, proponho abordar primeiramente a problemática da interpretação com algumas implicações e/ou elementos que a compõem.

Ao abordar a problemática da interpretação, o que implica a relação texto e leitor, dedicando-lhe um lugar específico, não pretendo desvinculá-la da tríade autor – texto – leitor, mas compreendê-la como um fio que perpassa os três ingredientes em questão.

3. Da interpretação

Ao me referir à questão da interpretação, convém que resgatemos sua trajetória na história da literatura, embora ela já tenha sido mencionada anteriormente.

Segundo Wolfgang Iser, “a interpretação teórica da literatura” nos moldes tradicionais, em que os esforços concentravam-se em buscar “as significações aparentemente ocultas nos textos literários”, toma força a partir de 1896 (Iser, 1996, p. 23)

Sobre essa prática dos críticos literários, Iser nos chama a atenção para o fato de que ao “desvendar” o significado oculto de uma obra, pouco ou nada resta para ser interpretado. O texto sofre um esvaziamento e “o autor sofre uma perda nesse processo” (Iser, 1996, p. 24).

Ora, essa prática interpretativa tem sua origem atrelada à necessidade de justificação dos sistemas religioso, sócio-político ou científico, à medida que a literatura era peça central da religião e da arte no século XIX.

A literatura equilibrou as deficiências de sistemas que postulavam validade universal. (...) Ali, onde se mostravam as fronteiras dos sistemas, a literatura sempre apresentava suas respostas. Não espanta que se buscasse encontrar mensagens na literatura, pois a ficção oferecia aquelas orientações de que se carecia por efeito dos problemas criados pelos sistemas de explicação (Iser, 1996, p. 29).

Assim, tudo precisava continuar sendo justificado, logo “aquilo que o autor quis dizer” adquire extrema importância neste período. Não se trata de colocar a questão como se uma mente maquiavélica criasse antecipadamente uma função para a literatura, mas é importante que se olhe para esta posição da crítica literária como uma construção de seu

tempo, que procurou responder às necessidades humanas daquele período.

Contudo, ainda hoje podemos observar a sobrevivência de alguns traços do estilo de interpretação do século XIX, talvez porque ainda não ocorreu uma ruptura profunda com a necessidade de “dominar o estranho” (Iser, 1996, p. 42).

Apesar das permanências, Iser aponta novas perspectivas para a interpretação na forma de uma Teoria da estética do efeito, onde a relevância está centrada no leitor. “Para os procedimentos mais diversos da interpretação, a leitura dos textos é uma pressuposição indispensável, ou seja, um ato que sempre antecede os atos interpretativos e seus resultados” (Iser, 1996, p. 49).

O fato de Iser referir-se com certa relevância ao leitor, não o leva a desconsiderar o texto, compreendendo a implicação do autor na realização deste. Numa teoria da estética do efeito, a “interpretação ganha uma nova função: em vez de decifrar o sentido, ela evidencia o potencial de sentido proporcionado pelo texto” (Iser, 1996, p. 54).

Em relação à crítica anteriormente citada de que o deslocamento da relevância atribuída a um ou outro ingrediente da tríade autor – texto – leitor seria um equívoco⁵, Iser atribui à discussão entre objetividade/ subjetividade a análise das críticas formuladas. Para ele a acusação de que a ênfase no efeito sacrificaria o texto “à arbitrariedade subjetiva da compreensão”, demonstra a obviedade de que não se pode garantir que as intenções do autor sejam recebidas automaticamente pelo leitor. Se assim fosse, o leitor seria uma espécie de ser “neutro”, que não habita uma cultura e nem é habitado por ela. Não possuiria um vocabulário, nem uma língua e muito menos valores e crenças próprios.

No texto *Lector in fabula*, Umberto Eco nos oferece uma leitura mais específica sobre o papel do leitor. Entende o autor que “o texto postula a cooperação do leitor como condição própria de atualização”. Para tanto, o autor é alguém que, ao escrever o seu texto, prevê um leitor-modelo, considerando sempre que faz escolhas, elegendo seus possíveis leitores. Assim, a língua, o vocabulário, o estilo e o próprio desenrolar da história narrada e/ou da comunicação, “selecionam” leitores específicos. Para Eco, além de prever o leitor-modelo, pode o autor também possibilitar a construção deste no/pelo texto (Eco, 1979, p. 39).

Contudo, a possibilidade de construção por parte do leitor está

⁵ Neste trabalho me refiro à crítica tecida por Sirio Possenti em *A leitura errada existe*. Wolfgang Iser em *O ato da leitura*, refere-se à crítica central à teoria do efeito estético.

atrelada ao tipo de texto. Um texto fechado, composto por um “código privado” atingirá somente a um grupo de leitores, precisamente aqueles que compartilham do código utilizado pelo autor. Um texto aberto, comporta uma espécie de “livre aventura interpretativa”. Esta não significaria qualquer interpretação, mas a abertura da possibilidade de atribuir outros significados ao texto, sem contudo abandoná-lo (Eco, 1979, p. 42).

O texto, nessa perspectiva, “constitui o universo das suas interpretações legitimáveis – se não legítimas” (Eco, 1979, p. 44). Essa afirmação de Eco me reporta a Ricoeur, para quem “o texto deve poder, tanto do ponto de vista sociológico quanto do psicológico, descontextualizar-se de maneira a deixar-se recontextualizar numa nova situação: é o que justamente faz o ato de ler” (Ricoeur, 1990, p. 53).

Apesar de já mencionado, quero abrir um pouco mais a reflexão sobre a questão do texto, agora a partir de Ricoeur que nos apresenta o mundo do texto e do leitor numa perspectiva hermenêutica.

4. Do encontro entre texto e leitor

Ricoeur trabalha com a tríade autor – texto – leitor a partir do que ele denomina de processo mimético.⁶ Compreende assim que o encontro do texto com o leitor é um acontecimento antecedido por uma prefiguração de mundo. Esta instrumentaliza o leitor para o encontro com o mundo do texto, a configuração, resultando numa refiguração pelo leitor da obra lida/ouvida.

Dito dessa forma, o processo mimético pode parecer algo muito simples e sujeito a um movimento repetitivo e fechado, contudo os elementos implicados nesta relação são complexos e merecem uma atenção maior.

Em Tempo e Narrativa, Tomo III, Ricoeur procede pela exposição do processo citado acima, a partir de três momentos a serem considerados numa “teoria da leitura”. Primeiramente haverá que ser abordada “a estratégia fomentada pelo autor e dirigida para o leitor, depois a inscrição dessa estratégia na configuração literária, bem como a resposta do leitor, considerado quer como sujeito que lê, quer como público receptor” (Ricoeur, 1997, p. 277).

Ricoeur considera os três ingredientes da tríade de que trata

⁶ O processo mimético em Ricoeur não corresponde ao conceito de mimesis em Platão. Para Ricoeur a mimesis é concebida como atividade produtora de sentido. Para tanto concebe-a em três momentos

esse trabalho, partindo inicialmente “do pólo do autor para o leitor, que é”, para ele. “o mediador último entre configuração e refiguração”, mas convém que acompanhemos o tratamento que ele dispensa a cada elemento.

5. Do autor

Ao proceder pela reflexão relativa ao pólo autor, Ricoeur opta por tratar a teoria da leitura, como uma teoria da retórica⁷, sob o ponto de vista “do autor que a conduz”. Entende que o autor constrói uma estratégia para persuadir o leitor. Assim, considera como centro de análise não as “intenções do autor”, como nos moldes da interpretação tradicional, mas as técnicas que tornam a obra comunicável, das quais se utiliza o autor (Ricoeur, 1997, p. 277).

Dentre as técnicas que podem ser utilizadas na escritura do texto, Ricoeur aponta para o “apagamento do autor, (...) de que se serve o autor real para se transformar em autor implicado”. Assim, a implicação do autor na história contada/lida, consiste em uma técnica de persuasão de que o autor se utiliza para firmar um pacto de confiança com o leitor (Ricoeur, 1997, p. 279).

O filósofo considera a voz do autor em toda a riqueza de possibilidades que ela apresenta, afirmando que sempre há um autor implicado, mas nem sempre há um narrador distinto, o que fortalece o autor no pacto com o leitor. Esse pacto, consiste então no estabelecimento de laços de confiança, para que o autor possa conduzir o leitor.

O limite da relevância atribuída ao autor, para Ricoeur, está no conhecimento de uma única iniciativa, “a de um autor ávido de comuni-

diferenciados, em relação à configuração poética, ao texto. O primeiro momento da atividade mimética, a mimese I, constitui-se da consideração de que algo precede a configuração poética. O que precede a configuração poética é uma pré-compreensão de mundo, constituída por conceitos, normas e valores que instrumentalizam autor, leitor ou espectador a procederem uma leitura da imitação criadora, a mimese II. À esta, Ricoeur atribui a função de mediação, que consiste numa operação de configuração. Essa função mediadora se dá em virtude da possibilidade da mimese II de configurar acontecimentos individuais e uma história. De uma sucessão de acontecimentos à configuração de uma intriga, por uma mediação que engendra à narrativa uma inteligibilidade própria, onde fatores heterogêneos estão juntos, sem perder suas características singulares, nem seus caracteres temporais. (...) A sucessão mimese-criação é concebida como o resultado do encontro entre o mundo do texto e o mundo do leitor, momento atribuído à mimese III. Encontro que é possibilitado pelo entendimento, que pressupõe a capacidade de esquematização ativada pela imaginação produtora, a qual possui uma função sintética, em que entendimento e intuição se encontram em sínteses, ao mesmo tempo intelectuais e intuitivas. LUCINI, Marizete. Tempo, narrativa e ensino de história. Porto Alegre: Editora Mediação, 2000. (pp. 21-22)

⁷ Ricoeur nomeia a perspectiva que centra a teoria da leitura no autor como uma teoria da retórica, na medida em que esta rege a arte pela qual o orador visa persuadir o seu auditório (Ricoeur, 1997, p. 277).

car sua visão das coisas”(Ricoeur, 1997, p. 282). Neste sentido aponta para a necessidade de uma contrapartida, de outros olhares.

Ao contrapor a retórica da ficção, Ricoeur nos oferece dois outros olhares da teoria da leitura, a retórica entre texto e seu leitor e a fenomenologia e estética da leitura.

6. Do texto

Considerando a idéia de Ricoeur de que uma teoria da leitura deve possibilitar a refiguração do texto pelo leitor, seria uma ilusão acreditar que “o texto é estruturado em si e por si, e de que a leitura acontece ao texto como um evento extrínseco e contingente” (Ricoeur, 1997, p. 283).

Assim, a retórica da leitura comporta o paradoxo da “leitura no texto, tomada absolutamente como o autor pede repetidas vezes”, o que predestina a leitura do leitor e, também, uma leitura indeterminada, que pede ao leitor que ele estruture o texto na leitura (Ricoeur, 1997, p. 286).

No caso da retórica entre texto e seu leitor, a ênfase não está na retórica da ficção, mas numa retórica da leitura, contudo esta estaria “numa posição mediana” entre as estratégias de persuasão do autor implicado e “uma análise que institui o ato de ler como instância suprema da leitura”(Ricoeur, 1997, p. 286). O segundo olhar de Ricoeur sobre a teoria da leitura, fenomenologia e estética da leitura, nos proporciona uma aproximação com o pensamento de Wolfgang Iser.

7. Do leitor

A substituição de uma retórica por uma estética da leitura, segundo Ricoeur, está fundada no desejo de atribuir à estética uma amplitude de sentido, “que lhe confere a aisthesis grega e lhe dá como tema a exploração das múltiplas maneiras como uma obra, ao agir sobre o leitor o afeta”. Na concepção ricoeuriana, o ser afetado abriga a passividade e a atividade “que permitem designar como recepção do texto a própria ação de lê-lo” (Ricoeur, 1997, p. 286).

Retomando a mimese, podemos dizer que o processo de encontro entre texto e leitor é produtor de sentido, pois algo acontece quando lemos/ouvimos um texto ou como nos leva a refletir Ricoeur, nunca chegamos ao final de um texto da mesma forma como o iniciamos.

Podemos dizer que, vista dessa forma, a leitura torna-se uma experiência, onde a subjetividade do leitor é afetada no encontro com o

mundo do texto, pois o mundo do leitor, o que ele sente, sabe e acredita, encontra um outro mundo, o da obra.

O encontro com o mundo configurado pela obra/texto, pode oferecer ao leitor a possibilidade de criar a partir dela e, segundo Ricoeur um texto encontra o seu significado quando se torna uma experiência viva que só é possível a partir da refiguração realizada pelo leitor.

Jorge Larrosa em *Pedagogia Profana*, poeticamente aborda a questão da leitura enquanto uma experiência viva, mais especificamente no capítulo *A experiência da leitura*.⁸ Acompanhemos a narrativa de Larrosa, iniciando pela citação do poema de Rilke que o impulsiona a narrar o papel do leitor diante do texto.

7. Do encontro de um poema com o leitor

O leitor

“Quem o conhece, a este que baixou
Seu rosto, de um ser até um segundo ser,
A quem apenas o veloz passar das páginas plenas
Às vezes interrompe com violência?”

Nem sequer sua mãe estaria segura
Se ele é aquele que ali lê algo, mergulhado
Em sua sombra. E nós, que tínhamos horas,
que sabemos de quanto se dissipou

até que, com esforço, ergueu o olhar?
Carregando sobre si o que, abaixo, no livro,
Acontecia, e com os olhos dadivosos, que ao invés
De tomar; se topavam com um mundo pleno e pronto:

Como crianças caladas que jogavam sozinhas
E de pronto vivenciam o existente;
Mas seus traços, que estavam ordenados,
Ficaram alterados para sempre.”⁹

O poema nos abre para as muitas leituras que podemos realizar,

⁸ Opto por utilizar Larrosa, desejando dar uma consistência mais poética ao trabalho. Para tanto, farei uso da reflexão do autor em torno de um poema de Rilke que narra o leitor diante da obra.

⁹ RILKE, R. M. A outra parte dos Novos Poemas. 1907. In: LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana*. Porto Alegre: Contrabando, 1998. p.121.

contudo Larrosa nos presenteia com sua narrativa, desorientando qualquer leitor que queira orientar-se em suas palavras.

Refere-se ao poema não como o resultado de um momento inspirador e nem como algo que revele a intimidade do poeta, o que poderia ser pensado por uma retórica da ficção, mas como “algo indiferente e passivo, como uma coisa da natureza, repousando em si mesmo e mantendo-se impermeável a qualquer projeção subjetiva” (Larrosa, 1998, p. 123).

Dessa forma, não poderíamos querer interpretar o texto em si, como se ele tivesse algo a projetar, como se nele estivesse algum “sentido oculto” para ser “desvendado” pelo leitor.

Larrosa aponta três elementos significativos para a imagem da experiência da leitura. Primeiramente aponta para o fato da leitura deste poema assinalar “o ausente, o dito aponta para o não-dito, o sentido se situa além do escrito”. Um segundo elemento constituir-se-ia do fato de que “...não é o leitor que dá razão ao texto, (...) mas é o texto que lê o leitor”. Como terceiro elemento, aponta para o fato do texto ser a origem da interpelação, sendo a leitura a comunicação de algo que enlaça o leitor a ir mais além, naquilo que não está na obra, “para tornar-se outro” (Larrosa, 1998, pp. 127-128). Assim, o texto estabelece uma relação com o leitor em que ele pertence à obra e não a obra ao leitor.

Em relação ao leitor, Larrosa chama a atenção para a primeira frase, Quem o conhece?...numa referência ao desconhecido, afinal quem poderá conhecer esse ser que não se sabe quem será? Segundo o autor, essa pergunta não terá resposta e, talvez, a experiência da leitura permitirá ao leitor perder-se de si, ao “experimentar o mundo de outra forma” (Larrosa, 1998, p. 133).

O poema, ainda, na visão de Larrosa, nos oferece a existência de um primeiro e de um segundo ser. Assim, quando o leitor submerge na leitura, abandona o mundo concreto, transformando-o em um mundo sem sentido e vazio, deixando em algum lugar o primeiro ser. Embriaga-se nas páginas do livro, envolve-se pela leitura e viaja nas possibilidades que ela lhe oferece. Despersonaliza-se, perde sua ligação com o mundo real, vive o mundo do segundo ser. Assim, “... a leitura é um jogo que se joga em solidão e em silêncio, uma das formas essenciais de ensimesmamento” (Larrosa, 1998, p. 141).

Esse soltar-se do mundo, provocando rupturas com aquilo que modela jeitos de ser e viver, parece ser o sentido de experienciar a leitu-

ra. Nessa perspectiva, a tríade autor – texto – leitor parece encontrar outro lugar de relevância, a da leitura enquanto experiência.

Longe de querer trazer uma solução à questão de relevância de um ou outro elemento, acredito que todo o movimento tecido pela tríade tem um ponto de chegada, precisamente, a leitura, e, talvez, pudéssemos atentar mais a ela, afinal importa que quem escreve e/ou lê possa “alterar-se”, “ser outros”, romper com a dogmatização que o encaixa, molda, submete. Talvez importe mais que ele seja livre para viver outros mundos.

8. Conclusão

A proposta inicial deste texto constitui-se em abordar algumas reflexões discutidas no Seminário Representações, Discursos e Textos, sobre a tríade autor – texto – leitor, no intuito de ampliar esse campo de discussão, mostrando diferentes abordagens em relação ao tema.

Ao iniciar a escritura deste texto, uma questão surgida do “equívoco” apontou um caminho a ser construído na tessitura do texto que ora apresento. Contudo, ao entrever as possibilidades de abordagem que o tema apontava, não era possível saber qual seria a experiência decorrente do ato da escrita, pois assim como a leitura, a escrita também é uma experiência que ocorre nela e produz significados, possibilita a aprendizagem e a atribuição de sentido para essa aprendizagem.

Assim, ao reler os textos discutidos no Seminário fui estabelecendo relações entre eles e descobrindo outros significados que anteriormente eu não havia percebido. Da mesma forma, outras leituras feitas foram agregando-se a esse trabalho e metamorfoseando-se na escrita desse texto.

Parti de uma certeza duvidosa, ou seja, li um título e interpretei-o segundo o meu olhar, contudo ficava a dúvida, então li errado? Talvez literalmente sim, mas será que nossas leituras podem ser simplesmente literais?

Decorrente dessa leitura, motivei-me a conhecer o que falavam outros autores sobre a interpretação, contudo essa busca de respostas também revelou-se uma reafirmação dos lugares que ocupo, pois ao ler faço escolhas, priorizo alguns autores, certamente aqueles que mais conheço e dessa forma, talvez eu tenha reafirmado minha posição em relação a questão inicial mais do que a interrogado.

Na rede que vai se tecendo a partir dos textos que li, das narrati-

vas que ouvi e das experiências que vivi, construo uma possibilidade de abordar a temática autor – texto – leitor, contudo sei que não é a única e certamente não é a definitiva, mas é aquela que me foi possível neste momento e que está aberta para outras “especulações”. Quero dizer com isso que pressinto o caráter inacabado desse texto e minha teimosa veia moderna, fica com o desejo de “concluí-la”.

Contudo, acredito que foi possível abordar a tríade autor – texto – leitor considerando-se que os três elementos perpassam a leitura enquanto experiência e, que de outra forma podemos cair no “equívoco” apontado por Possenti de atribuirmos relevância extrema a apenas um dos pontos o que poderia enfraquecer uma análise significativa no campo da linguagem ou da filosofia.

Convém ressaltar que o autor de um texto sempre é “filho de seu tempo”, é produto de uma determinada cultura, e a narrativa que ele constrói certamente espelhará uma forma de pensar, de ser e agir. Assim, ao escrever, ele está dotado do que Ricoeur denomina de prefiguração de mundo e, ao tecer uma intriga, ele configura um mundo que está perpassado por suas crenças, sua verdades e sua imaginação. Ao encerrar o seu texto ele já estará transformado.

Da mesma forma, o leitor acessa ao texto com uma prefiguração de mundo. Ao encontrar a configuração apresentada pelo autor, ele poderá refigurar esse mundo vivido. Contudo, o tipo de texto pode possibilitar essa transformação ou impedi-la.

A experiência da leitura é o ato supremo que decorre da relação entre autor – texto – leitor. Mas, para que a leitura, como experiência, seja possibilitada, o autor, o texto e o leitor, em seus diferentes papéis, precisam encontrar-se, não no sentido do mesmo, mas na alteridade, na possibilidade da criação, da reinvenção da vida e do mundo, na/pela leitura.

9. Referências bibliográficas

- ECO, Humberto. O leitor modelo. In: _____ *Lector in fabula*. São Paulo: Perspectiva, p. 51-64, 1979.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. VI. São Paulo: Editora 34, 1996.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana*. Porto Alegre: Contrabando, 1998.
- POSSENTI, Sirio. *A leitura errada existe*. Leitura: teoria e prática, Campinas, ano 9, n. 15, p.12-16. junho de 1990.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologias**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Tomo III. Campinas, SP: Papirus, 1997.